

O canto, os professores de música e a escola básica

Hortênsia Vechi

FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau
hortensia_vechi@hotmail.com

Comunicação


Resumo: O presente trabalho se trata de um recorte da dissertação de mestrado *O canto na formação e na sala de aula: três estudos de caso*¹, realizada em três escolas municipais de Santa Catarina com professores licenciados em música tendo como objetivo observar e analisar se as práticas com o canto estão inseridas nas suas aulas de música e de que forma elas são desenvolvidas com três turmas de 4º e 5ºs anos do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada caracterizou uma pesquisa qualitativa tendo como ferramentas para coleta de dados a observação não participante, com anotações de campo, gravações em vídeo e entrevistas semiestruturadas. Por meio de observações, entrevistas e análise dos dados verificou-se que os objetivos com o canto na sala de aula para cada professor distinguiu-se por algumas vezes, sendo este utilizado como ferramenta para o desenvolvimento de elementos musicais, a socialização e o autorreconhecimento vocal e pessoal. Os resultados mostraram que o canto esteve presente na maioria das aulas observadas em um período aproximado de dois meses com cada turma.

Palavras chave: canto, práticas pedagógicas, escola básica.

Introdução

O canto está presente como atividade em diversos ambientes, educacionais ou não, mas, sobretudo na escola, essa é uma prática comum em momentos diversos. Trazendo à tona a questão de como é utilizado no espaço escolar, será discutido neste trabalho o cantar em aulas de música, ocorridas em escolas públicas de Ensino Básico. Três professores de música foram os sujeitos investigados na pesquisa junto a suas turmas de 4º e 5ºs anos do Ensino Fundamental.

¹ A dissertação de mestrado *O canto na formação e na sala de aula: três estudos de caso* foi defendida no ano de 2015 sob a orientação da professora Dra. Teresa Mateiro dentro do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.




O principal objetivo da pesquisa foi de observar e analisar se os professores licenciados em música realizam e como são suas práticas pedagógicas envolvendo o canto na sala de aula, além de refletirem quais as implicações, facilidades e desafios encontrados para o trabalho vocal com os alunos na escola. Sobre o tema, Specht (2007) destaca preocupações a respeito da utilização da voz, falada e cantada e a importância de que se tenha um trabalho vocal durante a formação para o professor de música.

Para falar sobre o canto na escola é importante que sejam observados pontos como a faixa etária dos alunos e também a formação dos professores de música, tanto acadêmica quanto experiências além da graduação, onde os profissionais buscam aprendizados fora da formação acadêmica ou por meio de experiências vividas, sem que haja uma consciência da necessidade de aprender determinada prática ou conteúdo. Desse modo, foram considerados nesta pesquisa fatores mencionados por professores que fazem parte ou não da formação durante a graduação em música.

Sobre o desenvolvimento das práticas pedagógicas com o canto na sala de aula, Sobreira (2013) serviu como base juntamente com outros autores que discutem a respeito de cuidados vocais na infância e adolescência, repertório, afinação e desenvolvimento musical por meio da voz cantada. Alguns elementos discutidos pelos referenciais convergem com a fala dos professores de música entrevistados a fim de que se compreenda o discurso destes, buscando também auxílio para as possíveis dúvidas e questionamentos sobre as práticas cantadas no ambiente escolar.

Metodologia

Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), adotando o método de estudos de casos múltiplos (CRESWELL, 2014), por se tratar de mais de um caso investigado simultaneamente dentro da mesma temática. Durante aproximadamente dois meses foram observadas aulas semanais de 45 minutos de três licenciados em música que lecionam na rede pública de ensino, reconhecidos pelos nomes fictícios: Jorge, Paula e Pedro. Além das observações não participantes (GIL, 2009) foram realizadas gravações em vídeo, anotações de




campo sobre detalhes ocorridos nas aulas e conversas com professores e também uma entrevista semiestruturada (MANZINI, 1991) com cada um. Três turmas de escolas municipais de Santa Catarina fizeram parte do estudo: 5º ano do professor Jorge, com 29 alunos, 5º ano da professora Paula, com 32 alunos, e 4º ano do professor Pedro, com 28 alunos.

Os professores de música: formação acadêmica

Graduados em licenciatura em música entre 2010 e 2011, Jorge, Paula e Pedro possuem mais de cinco anos de experiência como professores de música em escolas. Sobre a formação acadêmica, enquanto Paula e Jorge mencionam a ausência de uma disciplina específica de preparação para o trabalho com as práticas pedagógico-vocais, o professor Pedro considerou que teve uma boa formação nas disciplinas de Educação Vocal I e II durante seu curso, o que lhe auxilia na docência. Para Malglaive (1995) as necessidades de aprendizagem podem ir além daquilo que as instituições de ensino oferecem. Seguindo este pensamento, Vaillant e Marcelo (2012) acreditam não ser possível delimitar a formação apenas por sistemas de educação e ensino já formalizados, afirmando que o ambiente familiar, dentre outras particularidades fazem parte da formação dos indivíduos. Sobre a formação docente nos espaços formais de ensino Nóvoa (s/d) afirma ser de suma importância que se invista em uma formação de professores que esteja diretamente relacionada às práticas docentes realizadas na escola, partindo da observação dos currículos escolares.

Em relação às experiências anteriores à graduação, Jorge menciona experiências artísticas desde sua adolescência, participando de grupo de teatro, cantor de bandas e participação em corais como barítono. Para ele, tais experiências lhe trouxeram conhecimentos técnicos que o auxiliam até hoje na docência. A professora Paula considera que passou por processos durante sua vida os quais ainda mantém, como cantar no grupo de louvor da igreja que frequenta. Para Paula, esta é uma prática que lhe permite manter as atividades vocais cantadas, além de cursos e oficinas que procura fazer sempre que possível. O professor Pedro afirmou ter tido experiências como vocalista de banda de estilo *pop rock* em sua adolescência e



fase adulta. Além disso, Pedro é professor de violão para alunos particulares e canta diariamente com seus alunos a fim de acompanhá-los no instrumento.

Ainda sobre a formação docente durante a graduação em Licenciatura em Música, Mateiro (2007) mostra em sua pesquisa que a preparação vocal e o repertório variado podem ser de grande auxílio nas práticas pedagógicas dos futuros professores de música no ambiente escolar. Desse modo, corroborando o pensamento curricular de Nóvoa (s/d), Mateiro (2007; 2009) demonstra a validade da formação vocal no curso de graduação tratando de definições curriculares ao curso de Música sob o ponto de vista dos próprios alunos.


PROFESSOR JORGE

As aulas

As aulas do professor Jorge com a turma de 5º ano tiveram atividades diversificadas com práticas cantadas e de instrumentos de percussão, apreciação de vídeos sobre temas como o movimento cultural do *boi de mamão*, presente no estado de Santa Catarina e também trabalhos escritos sobre as temáticas estudadas em sala. Jorge trabalhou atividades em grupo e individualmente, utilizando as práticas individuais como forma de avaliação para cada estudante na turma composta por 29 alunos.

As práticas pedagógicas com o canto nas aulas de música: “a voz é o primeiro instrumento da gente”

O professor Jorge valoriza o uso da voz com os alunos nas suas aulas de música afirmando que “a voz é o primeiro instrumento da gente”, e por isso, acredita que essa seja uma maneira do ser humano se autorreconhecer, pessoalmente e musicalmente, ao estimular suas práticas cantadas. De acordo com Marsola e Baê (2000, p.60) o som da voz gera sensações internas nas pessoas, de modo consciente ou não. No entanto, expõem a ideia de que quando se acredita verdadeiramente naquilo que está se cantando a emoção e o sentimento são



transmitidos de dentro para fora, “fazendo com que o corpo fale”. Nessa perspectiva, Jorge busca trabalhar o canto com sua turma. Durante suas aulas alguns exercícios vocais foram adotados pelo professor que realizava com seus alunos: vibração de língua (som de “r”), *boca chiusa* (sons em “m”), além de repertório selecionado de acordo com a temática estudada no bimestre, neste caso, as cantigas de roda e o *boi de mamão*. Para Jorge, os exercícios vocais auxiliam no relaxamento e concentração das crianças para as atividades cantadas.

O professor faz apontamentos positivos sobre as canções executadas pelos alunos, como a expressividade e interesse da turma por essa atividade, ao mesmo tempo que reflete sobre dificuldades de afinação das crianças, alegando a possibilidade de falta de concentração e consequentemente uma desatenção quanto à apreciação e percepção musical. Sobre tal questão Behlau e Madazio (2015, p.115) afirmam que a grande maioria dos considerados “desafinados” possuem, na realidade uma “desatenção auditiva musical”, havendo falhas na percepção auditiva (base do processamento cerebral do som), ou ainda a falta do controle vocal.

Um ponto importante a ser aqui destacado é que as tonalidades das músicas praticadas geralmente estiveram em uma região vocal confortável ao professor Jorge, com uma tessitura classificada como barítono. Esse é um fator importante a ser considerado, devido à situação de que existem diferenças grandes entre o alcance vocal de um homem adulto e crianças com faixa etária entre 10 e 13 anos de idade. O que distingue a voz infantil da voz de um adulto é a diferença no tamanho das pregas vocais, cuja produção sonora varia de acordo com tais questões físicas, maiores nos adultos e menores nas crianças, trazendo como consequência a produção do som em regiões diferentes de altura (BEHLAU; MADAZIO, 2015). Foi possível observar que os alunos, na maioria das vezes tentavam acompanhar a tonalidade e imitar o timbre mais grave do professor, trazendo suas vozes para uma região de extremo grave e consequentemente perdendo o controle de afinação. Para Sobreira (2013) a escolha da tonalidade deve ser a primeira preocupação do professor, buscando o conforto vocal para os alunos cantarem. Acredita também que afinação deve sempre ser corrigida para que as crianças tenham a referência correta das melodias e distâncias de intervalos desenvolvendo a percepção e afinação vocal.

PROFESSORA PAULA


As aulas

As aulas da professora Paula foram compostas por atividades como estudo de teoria musical por meio de escrita musical tradicional, além de práticas vocais e instrumentais envolvendo violão, pandeiro e flauta doce. Durante as aulas, os 32 alunos que compunham o 5º ano também realizaram trabalhos escritos descrevendo em papel a execução de arranjos musicais, como dinâmicas de intensidade e demais detalhes que criaram, posteriormente sendo executados em pequenos grupos nos quais a turma foi dividida para apresentação musical. De acordo com a professora, é importante que os alunos sejam alfabetizados musicalmente, mas que, além disso, experimentem as práticas musicais compreendendo e relacionando à teoria.

As práticas pedagógicas com o canto nas aulas de música: “o canto é um meio de socialização”

A professora Paula utilizou o canto como um recurso em suas aulas de música a fim de socializar os alunos nas atividades musicais corroborando a afirmação de Dias (2011) na qual aponta que o canto é uma prática eficiente na sala de aula, no que diz respeito à socialização entre os alunos por trabalharem geralmente em grupos, como acontece nas atividades propostas pela professora. Além da questão da socialização, Paula tem o objetivo de desenvolver conteúdos musicais por meio das práticas cantadas, como o ritmo, a melodia e também questões de dinâmicas pedidas nos arranjos de música escritos pelos próprios alunos.

Sobre as questões de afinação vocal dos alunos, a professora Paula afirma que não costuma exigir com rigor por não ser o aprimoramento técnico o foco de suas aulas e também por não ser uma especialista no assunto de técnica vocal, conforme declara. Para Paula, o envolvimento dos alunos com as atividades cantadas já é algo muito positivo. Comenta que por vezes sente dificuldade em cantar e escolher tonalidade para os alunos nas aulas por dois motivos: não dominar um instrumento harmônico para acompanhar a turma, mantendo o




padrão de afinação das crianças e por sua voz ser mais grave que a voz dos alunos com faixa etária entre 10 e 12 anos de idade. Neste caso, a professora utiliza também a flauta doce para auxiliar na afinação das crianças, seu instrumento de domínio. Quando deseja ter um acompanhamento harmônico para o canto, Paula utiliza playbacks ou ainda recebe auxílio de alunos da própria turma que tocam violão. A professora também fez queixas sobre cansaço vocal e disfonias constantes em seu trabalho como docente em escolas regulares de ensino. Para Paula o objetivo maior da presença do canto nas suas aulas de música é ser uma ferramenta auxiliadora dos processos estudados também como forma de atrair os alunos para as atividades musicais.

Sobre os objetivos de Paula com o canto, podemos destacar um lado positivo onde o canto une os alunos para a atividade musical e os fazem interagir. Porém, não se pode discriminar o fato de que é importante que se corrija e se mantenha um padrão de afinação, visto que a professora se utiliza das práticas vocais também para desenvolver elementos musicais. Nesse caso, Sobreira (2013) afirma ser importante a correção da afinação para que dentro de uma conduta de educação musical os elementos musicais não estejam distorcidos nos processos de ensino e aprendizagem. Para Paula, as questões “estéticas” da música são priorizadas quando os alunos estão sendo preparados para apresentações ao público escolar. Apesar de não se considerar uma cantora profissional, a professora costuma pesquisar antecipadamente o repertório que trará para as crianças e estudá-lo antecipadamente. De acordo com Fucci Amato (2009) é de grande importância que o cantar esteja presente na prática docente em música, visto que é uma alternativa muito vinculada à sala de aula.

PROFESSOR PEDRO

As aulas

As aulas do professor Pedro foram realizadas com práticas cantadas em todos os encontros observados durante a pesquisa. O professor selecionou repertório para cantar com a turma de 28 alunos do 4º ano acompanhando-os ao violão. Além do canto, a percussão corporal também foi uma atividade inserida junto ao repertório escolhido por Pedro. O professor também




costumava contar histórias cantadas acompanhadas de recursos sonoros vocais e do violão no início de suas aulas como uma ferramenta de entretenimento e concentração para que seus alunos pudessem ficar mais atentos ao encontro e atividades musicais que se iniciavam.

As práticas pedagógicas com o canto nas aulas de música: “o canto é o carro chefe”

Para o Professor Pedro o canto é “o carro chefe” das suas aulas de música, considerando essa prática fundamental para desenvolver a percepção auditiva, a compreensão de ritmo e execução musical, além da distinção de intervalos de melodias. Sobre as considerações de Pedro, o pedagogo musical belga Willems define o canto como um meio amplo de aprender música devido à inserção do ritmo, da melodia e também da harmonia. Pedro acredita na importância do uso da voz no processo de educação musical das crianças. Para Calvente (2013), cantar na escola é questão de sobrevivência. Ainda dentro da perspectiva de Pedro sobre a utilização do canto nas aulas, Dias (2011) coloca que o instrumento vocal é um grande recurso para ensinar e aprender música.

Sobre as práticas cantadas, o professor Pedro também justifica a vantagem da atividade quando é necessária a realização de apresentações musicais fora das aulas em momentos festivos e demais eventos escolares. De acordo com ele, é uma maneira de visualização do trabalho realizado na sala de aula. Por mencionar também a falta de outros instrumentos musicais no espaço escolar, a afirmação de Pedro se insere nas palavras de Calvente (2013, p.77), a qual acredita na relevância em usar o canto nas aulas de música, justificando que essa prática “encaminha experiências sensoriais com a linguagem musical em curto prazo, passando por cima das deficiências infraestruturais”.

O professor Pedro aponta alguns desafios com o cantar na escola, como exemplo, conquistar a afinação da turma. Para ele, é mais fácil fazer com que as crianças cantem sendo fiéis ao ritmo do que nas questões melódicas. Pedro utilizou repertório de estilo variado, passando por: *reggae*, *bossa nova*, *pop rock*, músicas de cunho religioso, *baião* e *valsa*, o que Calvente (2013) reconhece como uma prática musical democrática. As canções trabalhadas por




Pedro com os alunos se deram sempre em modo uníssono, onde buscou sempre adaptar às tonalidades à tessitura vocal das crianças.

O professor acompanhava as crianças entre nove e 11 anos de idade com violão, tocando a harmonia e também a melodia quando necessário para auxiliar na desafinação, quando havia. Para Calvente (2013) o uso de instrumento harmônico acompanhando da voz é benéfico à execução musical, fazendo com que os alunos cantem mais seguros e confortáveis em sua *performance*. O professor se mostrou versátil realizando o acompanhamento rítmico, harmônico e melódico simultaneamente como uma ferramenta auxiliadora da afinação e desempenho musical dos alunos de modo geral. O grupo mostrou-se com facilidade de assimilação para emissão das melodias propostas nas canções, conseguindo cantar de maneira afinada, o que para Behlau e Madazio (2015) pode estar ligada não somente à percepção auditiva, como também às questões técnicas da voz. Quanto a isso, Pedro argumenta trabalhar questões técnicas na medida do possível, dando sugestões de como colocar e articular a voz e face e exemplificando com sua própria voz quando via necessidade. Para Mársico e Cauduro (1978, p.19) “a criança poderá transformar o timbre de sua voz, ajustando-o ao timbre da voz que lhe servir de modelo”.

Um ponto importante observado durante as aulas foi de que as crianças cantavam na maioria das vezes sentadas nas cadeiras, estabelecidas em filas de um modo tradicional. Apenas quando havia a inserção de percussão corporal a turma ficava de pé para cantar. Nesse caso, foi possível perceber que as crianças cantavam com maior intensidade vocal quando estavam de pé. Isso pode ser justificado pelo fato da posição postural em pé oferece melhores possibilidades para o canto, trazendo maior expansão na região abdominal (BEHLAU; MADAZIO, 2015).

Considerações finais

Como licenciada em música, realizando trabalhos cantados com crianças e adolescentes, percebi a necessidade de discutir sobre o assunto com profissionais da área que atuam na escola, a fim de saber se realizam, como realizam e como se sentem, do ponto de vista técnico




profissional, realizando práticas com o canto na escola. Por isso, essa pesquisa teve o objetivo de levantar questionamentos a respeito das possibilidades das práticas cantadas nesse espaço.

Um fator a se considerar também é de que a maior diferença entre timbres e extensão de voz humana normalmente se dá entre a voz infantil e voz adulta masculina. Nesses casos, é possível haver dificuldades na escolha de tonalidades quando professor do gênero masculino está atuando com crianças. No caso das aulas de música, essa pode ser uma situação frequente, visto que a profissão do professor de música possui um número considerável de estudantes e profissionais do sexo masculino (MATEIRO, 2007; SOARES; SCHAMBECK; FIGUEIREDO, 2014).

Por fim, foi possível perceber pela fala dos três professores a falta de segurança em alguns momentos sobre as práticas cantadas com os alunos no que diz respeito às questões técnica e de afinação vocal. Nesse caso pode-se considerar a importância do preparo na graduação para as práticas pedagógicas envolvendo técnica, saúde vocal e repertório, a fim de que os futuros professores se sintam seguros e flexíveis para o cantar na escola básica. Futuras pesquisas podem ser realizadas sobre o que é necessário na formação do licenciado em música para que esteja apto a trabalhar com o canto na escola de modo seguro.

Referências

- BEHLAU, Mara; MADAZIO, Glaucya. **Voz: tudo o que você queria saber sobre fala e canto.** Rio de Janeiro / RJ: Revinter, 2015.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
- CALVENTE, Glória. Sing or not to sing. In SOBREIRA, Silva (Org.) **Desafinando a escola.** Brasília: Musimed, p.66-89, 2013.
- CARNASSALE, Gabriela Josias. **O ensino do canto para crianças e adolescentes.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Mestrado em Artes, Campinas, 1995.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Porto Alegre, RS: Penso, 2014.
- DIAS, Leila Miralva Martins. O licenciado frente à realidade das escolas regulares. In: **XX Encontro de Pesquisadores em Educação do Norte e Nordeste, EPENN.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, v.2, 2011.
- FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Educação Vocal: propostas e perspectivas interdisciplinares para o ensino da voz cantada. **Ictus**, v.9, n.1, p.99-118, 2009.
- FUCCI AMATO, Rita. **Escola e Educação Musical: (des)caminhos históricos e horizontes.** Campinas: Papyrus, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2009.
- MALGLAIVE, Gerard. **Ensinar adultos.** Portugal: Porto Editora, 1995.
- MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v.27, p.149-158, 1991.
- MÁRSICO, Leda Osório; CAUDURO, Vera Regina Pilla. **O canto na escola de 1º grau.** Ministério da Educação e Cultura: Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1978.
- MARSOLA, Mônica; BAÊ, Tutti. **Canto – uma expressão: princípios básicos de técnica vocal.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2000.
- MATEIRO, Teresa. Do tocar ao ensinar: o caminho da escolha. **Opus**, v.13, n.2, p.175-196, 2007.



MATEIRO, Teresa. Uma análise de projetos pedagógicos de licenciatura em música. **Revista da ABEM**, v.22, p.57-66, 2009.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Lisboa: Porto Editora, s/d.

NÓVOA, António. **Profissão professor** (Org.) Portugal: Porto Editora, s/d.

SOARES, José; SCHAMBECK, Regina Finck; FIGUEIREDO, Sérgio (Orgs.). **A formação do professor de música no Brasil**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

SOBREIRA, Sílvia (Org.). **Desafinando a escola**. Brasília: Musimed, 2013.

SPECHT, Ana Cláudia. **O ensino do canto segundo uma abordagem construtivista: investigação com professores da Educação Infantil**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestrado em Educação, Porto Alegre, 2007.

VAILLANT, D; MARCELO, C. **Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem**. Curitiba: Editora UTFPR, 2012.

VECHI, Hortênsia. **O canto na formação e na sala de aula: três estudos de caso**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Música, Florianópolis, 2015.

